

Grupos Multifamiliares na Co-Construção da Auto-Estima em Situações de Risco

Área Temática de Saúde

Resumo

Relata a experiência de projeto, no enfoque sistêmico novo paradigmático, com grupos multifamiliares, em escola municipal. Resgata a atuação da Psicologia Social Comunitária. Enfoca elementos epistemológicos que sustentam a atuação, em rede de conexões, na relação escola-família, com oficinas-temáticas, a partir de: aquecimento, discussão e conclusão e com técnicas de dinâmica de grupos, jogos e grupos de conversação. Conclui que o trabalho encontra-se em construção e que o objetivo maior - a co-construção da auto-estima em situações de risco - encontra-se em sedimentação.

Autores

Vera Morselli - Especialista em Psicologia Clínica, professora e Coordenadora do Projeto Em Nome da Vida

Marcos Antonio Da Silva - Dr. em Educação, professor/Projeto Em Nome da Vida

Cecília Viera - Acadêmica de Psicologia

Instituição

Universidade Católica de Goiás - UCG

Palavras-chave: enfoque sistêmico; grupos multifamiliares; escola-família.

Introdução e objetivo

"Muitas vezes vale a pena considerar um problema pelo seu lado aparentemente menor e aborda-lo, para começar, apenas de maneira prática (...)" (Moscovici, 1990).

As condições econômicas e sociais na atualidade exigem que se crie modos alternativos de estratégias de sobrevivência, quase sempre incipientes.

Três fatores contribuem para esse quadro de influências sobre a família: o reordenamento e recomposição do capitalismo mundial, a profunda crise econômica dos países latino-americanos e o progresso de democratização confuso e contraditório desses países. Àquela que integra o segmento de baixa renda podem ser acrescidos os seguintes reflexos: separações conjugais, adoções informais, abandono precoce da escola, sexualidade do adolescente vista como problema e a tendência ao uso de drogas, entre outros fatores.

O projeto Apoio aos Grupos Multifamiliares na Co-construção da Auto-estima em Situações de Risco integra o Programa Em Nome da Vida, vinculado a Coordenação Geral de Estágio e Extensão (ETG) e ao Departamento de Psicologia (PSI) da Universidade Católica de Goiás (UCG) e constitui iniciativa do grupo de trabalho que se propõe atuar em extensão comunitária, de formação e multiprofissional, sob o enfoque interdisciplinar, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação. O desenvolvimento das atividades previstas tem como campo de atuação a Escola Municipal Jarbas Jayme, no Município de Goiânia, Estado de Goiás.

A Psicologia Social Comunitária vai ao encontro daqueles que dela necessita, ao possibilitar o fortalecimento da competência pessoal e social dos indivíduos em suas práticas. Na redução da distância entre o profissional que atua na comunidade e os membros que a constituem. A ação de seus investigadores, se fundamentadas na prática sistêmica, os coloca

mais ainda lado a lado, isso porque se estabelece um vínculo, constituído no espaço da subjetividade, e que possibilita uma mútua evolução.

O enfoque multifamiliar, enquanto espaço facilitador da auto-estima, apresenta-se com a temática da relação escola-família, na perspectiva de dupla finalidade: formar e capacitar, no ambiente do trabalho, uma equipe de facilitadores (multidisciplinar e interdisciplinar) para atuar nos grupos. A idéia é promover uma auto-reflexão sobre a formação e atuação desses profissionais. E verificar as implicações na relação teórico-prática, na criação de um espaço conversacional através de oficinas.

Neste sentido, vale enfatizar os grupos familiares sob a ótica da Psicologia Social Comunitária, que busca resgatar a competência da comunidade através de sua cultura. Este ramo da Psicologia integra vários saberes, nos quais a teoria e prática estão inter-relacionados, na perspectiva de rede. Nesta abordagem, a comunidade é reconhecida como um grupo social com certo grau de organização, que compartilha o mesmo espaço físico e psicológico e alguns objetivos comuns derivados de crenças, valores e atitudes compartilhadas e mantém um sistema de interação duradouro no tempo e no espaço.

Como decorrência, têm-se as Comunidades Interpretativas, como uma associação entre os cidadãos portadores do conhecimento científico-acadêmico (reconhecidos como especialistas e sujeitos à dimensão de elite) no processo de interação com os portadores do conhecimento do senso comum (experiência do grupo). Neste sentido, a Psicologia na Comunidade tem como primordial função deselitizar essa ciência e torná-la mais ligada às condições da vida da população e da realidade brasileira.

A autoria do projeto reconhece, em seu processo, o que se denomina como Rede Social, ou seja, um sistema aberto que, através de um intercâmbio dinâmico com seus integrantes e com integrantes de outros grupos sociais, que possibilita a potencialização dos recursos que possui e implica em processo de construção permanente, tanto individual, quanto coletiva (Dabas, 1998, p. 42).

Neste caso, a atividade será norteadada pela orientação da Abordagem Sistêmica assentada no pensamento novo paradigmático que considera a complexidade, a indeterminação e a intersubjetividade, para dar sustentação a este trabalho, ao reconhecer a existência de tantos saberes quantas são as práticas sociais e que a universidade, neste momento de transição paradigmática, tem que repensar seus projetos de pesquisa, ensino e extensão.

Por grupos familiares a equipe reconhece um espaço relacional que propicia a oportunidade das famílias estarem juntas, e poder expressar suas competências nos acontecimentos do dia a dia, na solução de seus problemas, na educação de seus filhos. Esses grupos, através de um programa de vivências, poderão trocar experiências e deste modo perceber possibilidades de mudanças. A base teórica que orienta este trabalho entende e estuda a família dentro da concepção de contextualização, isto é, um sistema dentro de sistemas maiores, contendo subsistemas (Dabas, 1998).

Neste projeto pretende-se integrar os grupos familiares aos demais segmentos que compõem a vida escolar, por entender que a ampliação da rede que determina as relações entre os envolvidos permitirá o afloramento de novas perspectivas. Ao perceber que a vivência que se estabelece no âmbito escolar é bem mais complexa do que a reservada ao espaço da sala de aula, permite reconhecer todos os segmentos que vivem a escola como integrantes da categoria que aqui se denomina como Comunidade Escolar.

Desse modo, pretende-se chegar a um modelo de criação de um espaço relacional que proporcione mudança no universo comunicativo de interação entre as famílias e entre as famílias e aqueles que integram o ambiente escolar e a equipe multidisciplinar. Este espaço relacional propiciará a oportunidade das famílias estarem juntas, e poder expressar suas competências nos acontecimentos do dia a dia, na solução de seus problemas, na educação de

seus filhos. As famílias, através de um programa de vivências, poderão trocar experiências e desse modo perceberem possibilidades de mudanças. A base teórica que orienta este trabalho entende e estuda a família dentro da concepção de contextualização, isto é, um sistema dentro de sistemas maiores, que por sua vez contém subsistemas.

Quanto à auto-estima, entende-se a avaliação global do próprio valor, o julgamento que fazemos acerca dela é o que a caracteriza. Harter, (apud Bee, 1996), sugere que o nível de auto-estima de cada criança é um produto de duas avaliações ou julgamentos internos. Cada criança experiencia algum grau de discrepância entre aquilo que gostaria de ser e aquilo que acha que é. Se aproximadas, a auto-estima da criança geralmente é alta. Quando distanciadas é grande – se percebe que não está vivendo de acordo com seus objetivos ou valores – a auto-estima será muito mais baixa. Algumas crianças valorizam muito as habilidades escolares, outras as habilidades esportivas, ou ter bons amigos. O segredo da auto-estima, propõe Harter (apud Bee, 1996), é a quantidade de discrepância entre aquilo que a criança deseja e aquilo que acha que conseguiu. E esse conceito se estende para outras faixas etárias.

Na segunda, é o sentimento global de apoio que a criança experiencia nas pessoas que a cercam, os pais e amigos. Quando sente que as pessoas, com as quais convive, gostam dela do jeito que ela é terá uma auto-estima maior do que aquela que relata sentir menor apoio. Uma combinação incômoda ocorre se a criança percebe que o apoio dos pais depende de um bom desempenho em alguma área – boas notas, ser escalado para o time de futebol, ser popular com outras crianças. Se não se sente à altura do padrão, experiencia, ao mesmo tempo, uma maior discrepância entre o ideal e a realização e a perda de apoio dos pais. O mesmo para adolescentes e adultos.

De acordo com Bee (1996), vêm de três fontes as diferenças que compõem a auto-estima. Em primeiro lugar, a experiência direta da criança com o sucesso ou o fracasso em várias esferas nas quais desempenha um papel óbvio. Quando a auto-estima é boa, ela é motivada a realizar. Aquelas cuja auto-estima depende do sucesso podem encarar o fracasso como uma condenação de seu valor e sentem-se impotentes para fazer melhor.

Em segundo, o valor que uma criança atribui a alguma habilidade ou qualidade é certamente afetado de modo bastante direto pelas atitudes de seus pais e amigos. Da mesma forma, o grau de ênfase que os pais colocam sobre o bom desempenho escolar é um elemento importante nas expectativas internas da criança nesta área. Finalmente, rótulos e julgamentos dos outros desempenham um papel significativo. De todas essas fontes, a criança cria suas idéias (seu modelo interno) sobre o que ela deveria ser e o que ela é.

Conforme Papalia e Olds (2000), a auto-estima, ou valor próprio geral, é um importante componente da personalidade. As crianças com boa auto-estima tendem a ser alegres; aquelas com pouca auto-estima tendem à depressão. Aquelas com pouca auto-estima muitas vezes preservam um autoconceito negativo muito tempo depois da infância ter terminado.

Quanto às situações de risco tem-se que resultam da probabilidade da ocorrência de algum evento indesejável. E não estão isolados ou independentes do contexto social, mas inter-relacionados a uma complexa rede de fatores e interesses culturais, históricos, políticos, sócios-econômicos e ambientais, com associação de causas e efeitos múltiplos que interagem no aumento da probabilidade ou desencadear um evento a ele relacionado. E é descrita como uma circunstância que oferece risco a toda uma comunidade ou subgrupo social, ou seja, transcende ao comportamento individual.

Segundo Eisenstein e Souza (1993), um comportamento de risco é qualquer alteração da conduta, ou atuação repetida e fora de determinados limites, que possa comprometer ou desviar o desenvolvimento psicossocial normal, durante a infância e a adolescência, com repercussões danosas à vida atual e futura.

O objetivo geral do projeto é: atuar junto à comunidade escolar no apoio à co-construção da auto-estima em situações de risco. E os objetivos específicos são: revisar a teoria sobre os seguintes termos: grupos multifamiliares, co-construção, auto-estima e situações de risco; mobilizar direção, professores, funcionários, pais e alunos para o debate sobre situações de risco; e promover oficinas para criar um espaço de conversação e trocas de experiências onde se possa identificar, atribuir significados e re-significar situações de risco.

Assim, a intenção do projeto é atuar na comunidade escolar que integra a unidade educacional já mencionada, para redimensionar as relações estabelecidas entre grupos familiares sujeitos a situações de risco. O trabalho consiste em mobilizar e envolver a direção, professores, funcionários, pais e alunos e criar um espaço de conversação para trocas de experiências, no sentido de identificar, atribuir significados e re-significar as condições vivenciadas por estes grupos, no sentido de contribuir - como facilitadores - para a recomposição da auto-estima, reconhecendo-a como fator de superação para os problemas e que tendem a eliminá-la.

Metodologia

A perspectiva metodológica do trabalho assenta-se em grupos familiares, com enfoque sistêmico paradigmático. A atuação consiste em oficinas, norteadas por tema previamente escolhido. As sessões constam de três etapas: aquecimento, discussão e conclusão. Com técnicas de dinâmica de grupos, jogos e grupos de conversação. Com a participação de, ao menos, um facilitador em cada subgrupo.

O público alvo compõe-se de crianças na faixa etária de 6 a 8 anos (Ciclo I), 9 a 11 anos (Ciclo II), e Educação de Jovens e Adultos. Os funcionários e professores da escola e familiares dos alunos.

A capacidade de atendimento compõe-se de grupos abertos, formados pelo interesse no projeto, totalizando duas turmas com 30 participantes, sujeitados à condição de substituição (cotas de reservas).

A atuação ocorre em dois períodos letivos de 2004, na Escola Municipal Jarbas Jaime, em Goiânia, Goiás, todas as terças-feiras, das 17 às 18h e 19 as 22h h, alternando-se as oficinas com reuniões de avaliação, estudo de conteúdos teóricos e planejamento das atividades (porque são discutidos os temas seguintes entre todos os participantes).

A equipe é composta pela coordenação (1) psicóloga e (1) sociólogo; (3) professoras graduadas (Matemática, Pedagogia e Educação Física), (1) funcionária da secretaria (graduada) e (5) estagiárias voluntárias.

Os resultados serão divulgados em relatórios parciais e final com os registros teórico-práticos e com a elaboração de normas de procedimentos para atuação em situações similares.

Resultados e discussão

Nas últimas décadas, diferentes discussões científicas, na área das ciências sociais, têm se dedicado ao estudo da sociedade e das relações dos grupos que a compõem. A Psicologia Social Comunitária, segundo Góis (1993) buscou instrumentalizar conhecimentos e técnicas, para que o psicólogo possa contribuir no resgate da competência da comunidade, impulsionando o re-significar sua consciência de classe e de destino. Com base em intervenções que ampliem a autopercepção das pessoas e dos grupos e a prevenção, não somente daqueles que dela necessitam, mas, principalmente, da população em situação de risco.

Costa (1999) destaca que a família brasileira é afetada pelos sucessivos planos econômicos nas duas últimas décadas, que resultou no achatamento salarial, da população de baixa renda que convive com dupla jornada de trabalho, daí o desvirtuamento sua função. Em

decorrência, passa a conviver com problemas, de ordem contextual: de separações conjugais à criminalidade.

Processos que envolvem todos os membros da família, na árdua tarefa de sobreviver a uma realidade que se apresenta com inúmeras contradições e exigências. As conseqüências deste quadro têm um impacto decisório na sociedade como um todo e, em especial, nas crianças e nos adolescentes, conforme Eisenstein e Souza (1993, p. 17) "(...) vivem um processo dinâmico e complexo de diferenciação e maturação." Portanto, tais crianças e jovens precisam de tempo, espaço e condições favoráveis para realizar o desenvolvimento das diferentes etapas de suas vidas, em direção à vida adulta.

Além disso, as relações estabelecidas inicialmente com a família e outros grupos sociais (Roger apud Holanda, 1997) possibilitariam às crianças e jovens, adquirir competências para serem atores sociais autônomos no mundo. Nesta análise, o contato entre família e escola seria um instrumento de confirmação e desenvolvimento da criança e sua auto-estima, como uma avaliação global que a pessoa faz de seu próprio valor, o julgamento que a pessoa tem de si mesma e que a caracteriza como pessoa, conforme Masci (1998, p. 1) "(...) pode determinar nossa felicidade ou nossa miséria; pode nos fazer sentir desgraçados e infelizes ou valiosos e otimistas".

Os argumentos remetem a uma reflexão: em como desenvolver um trabalho que alcance a dimensão família-escola? E que possa oferecer: um espaço conversacional sobre as diferentes experiências dos grupos, com a re-significação das situações e co-construção para o resgate da auto-estima e do potencial criador dos indivíduos no processo. E como a atuação de um grupo multiprofissional e interdisciplinar atuaria na relação família-escola em um contexto relacional de uma comunidade? De acordo com Costa (1999) é a manifestação de todos os conflitos sociais, presentes na sociedade, que se reproduzem ativamente e vividamente na família. E que, por extensão, refletem-se escola.

As contribuições da terapia familiar sistêmica, o papel do terapeuta sistêmico, os grupos multifamiliares e das redes sociais no trabalho sinalizam a possibilidade de promover, na escola, um contexto de interação e um campo de reflexão dos significados. A percepção que a vivência estabelece no âmbito escolar é bem mais complexa do que a reservada ao espaço da sala de aula, o que permite reconhecer todos os segmentos que a escola abriga, enquanto integrantes do que se denomina como comunidade escolar.

Segundo Vasconcellos (2002), sob o enfoque do pensamento novo paradigmático, o terapeuta apresenta-se como reflexivo e ético, coloca em xeque sua neutralidade, suas certezas, sua tirania de idéias e técnicas, dá lugar à imprevisibilidade, à complexidade que tem como foco as relações de sistemas amplos e que possibilitam articular conhecimentos. Esta ótica participativa reflete diretamente na relação terapêutica, que passa a fazer parte de um contexto em permanente transformação.

Dabas (1998) saliente que a noção de rede social implica em um processo de construção permanente, tanto individual como coletivo. Cada membro se enriquece através das múltiplas relações que cada um oportuniza com o outro. Grassano e Holzmann(2002) definem a palavra rede como a possibilidade de troca, de afeto, de informação, de interesse e abertura de diferentes aspectos da vida, que oportuniza o dar, o receber, o pedir, o tomar, o rejeitar, que são opções de comunicação vinculadas à relação familiar, comunitária e social.

Finalmente, Grassano e Holzmann (2002) destacam o trabalho com grupos familiares, como um instrumento de apoio, sustentação e promoção de mudanças nas famílias que deles participam. Trata-se de um espaço relacional onde as famílias juntam-se, refletem sobre o seu cotidiano, suas competências, aprendizagens e trocam experiências percebidas como possibilitadoras de mudança.

O projeto de trabalho sustenta-se em duas premissas: pensar o espaço escolar como um lugar propício para o resgate da auto-estima do aluno e de todos aqueles que se conectam

nesta rede; e como campo de estágio no ETG/UCG. A Escola Jarbas Jayme, localizada na região sudoeste de Goiânia, atende uma população de aproximadamente 350 alunos, entre crianças, adolescentes e adultos. E foi escolhida, porque uma das estagiárias tem a função de professora-coordenadora neste estabelecimento e, ao longo dos últimos cinco anos, o contato diário e os trabalhos realizados com os alunos, evidenciaram que estes não têm apresentado perspectivas quanto ao futuro, especialmente na ausência de sonhos ou projetos pessoais.

O contato da professora-coordenadora com os relatos dos demais professores demonstraram que as famílias dos alunos compartilhavam da mesma realidade associada, em especial, a uma baixa estima vivenciada ao longo de suas vidas, resultado de um processo de exclusão e marginalização social. Estes fatos demonstraram a importância de promover na escola um espaço de conversação que fomentasse a troca de experiências sobre diferentes problemas que afetam as pessoas em interação com a comunidade escolar, com o objetivo de identificar e re-significar situações de risco a que estes segmentos estão sujeitados.

O trabalho começou março de 2004, a partir de um primeiro contato com a comunidade, que demonstrou interesse, com apresentação das diretrizes à Direção, professores, funcionários, alunos e seus familiares. O grupo de facilitadores, inicialmente, voltou-se para a formação teórica, estudos sobre a epistemologia que norteia o trabalho, nos meses de março a maio, incluindo uma vivência da prática a ser desenvolvida com os grupos.

As oficinas foram planejadas para ocorrerem quinzenalmente, nos períodos vespertino e noturno, com ênfase para as relações interpessoais, para que os participantes possam ampliar sua rede social de contato.

Já foram realizadas quatro oficinas e pode-se resumir que as pessoas que compõe estes grupos têm muitas expectativas quanto a objetivos. A receptividade e a participação têm-se pautado por retornos espontâneos e, paulatinamente, os componentes dos grupos têm ficado mais à vontade. Os exemplos sobre a repercussão das oficinas esboçam os sentimentos de três segmentos: a) grupo das crianças "um projeto muito legal, porque tem muitas brincadeiras. É um projeto muito especial para todos nós"; b) grupo dos adolescentes: "um amor de família, que tenham paz e sabedoria, alegria, união, fraternidade, segurança e amizade"; c) grupo de adultos: "esta reunião foi proveitosa porque nos trouxe conhecimento, crescimento, uma forma de desabafo, mas também possibilitou a união dos pais e professores, descontraindo com algumas brincadeiras".

Conclusões

O projeto, desde o início, apresenta-se como inovador, na medida em que busca trabalhar com grupos multifamiliares na abordagem sistêmica, re-significando o espaço escolar e que se propôs trabalhar com uma equipe de facilitadores multiprofissional e interdisciplinar. Constitui um desafio na medida que retoma um dos grandes desafios da Psicologia moderna, que é diminuir a distância entre o terapeuta e aquele que dele necessita, ao criar condições para que isso ocorra. E basta pensar na significativa parcela de cidadãos brasileiros que estão abaixo da linha da pobreza, no qual o atendimento psicológico configura-se como um sonho distante de suas realidades.

A maioria dos psicólogos acostumou-se a trabalhar apenas com seus pares, em abordagens idênticas. Uma abordagem em equipe multiprofissional e interdisciplinar, fora do contexto hospitalar, soa no mínimo diferente.

Os objetivos propostos, ao longo da implementação do projeto são cumpridos, na capacitação e formação de equipe de facilitadores, na co-construção de redes que se formam e se ligam às atividades. A equipe demonstra o seu caráter de colaboração, e receptividade, na troca de experiências que se fazem presentes nos encontros, o que possibilita compartilhar de opiniões e de cumplicidade psico-social.

A relação escola-família encontra-se em construção e percebe-se, que os participantes que retornam, sabem da importância dessa conexão com a rede escola-comunidade. A formação da equipe, o contato com a comunidade, via oficinas, configuram um verdadeiro efeito de rede, no qual a circularidade, a intersubjetividade, a imprevisibilidade e a complexidade permeiam o trabalho desenvolvido.

Pretende-se continuar com o projeto dirigido à comunidade escolar, mas para o próximo semestre, é intenção ampliá-lo para as adjacências, para que se conectem à escola. Prosseguir na formação dos facilitadores, ao promover aprofundamentos teóricos e a vivência enquanto coordenadores de oficinas. Com a definição de critérios para o bom funcionamento dos grupos e outras providências. Enfim, desempenhar o papel reservado à Psicologia Social Comunitária, no enfoque sistêmico paradigmático: estabelecer redes de conexões no compartilhar de vivências que promovam um diferente - e bem melhor - estar no mundo.

Referências bibliográficas

- BEE, H. A criança em desenvolvimento. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- COSTA, L. F.. Reuniões multifamiliares: uma proposta de intervenção em Psicologia Clínica na comunidade. In: PAZ, M. G. T.; TAMAYO, Á.. Escola, saúde e trabalho: estudos psicológicos. Brasília: Ed. da UNB, 1999.
- DABAS, Elina. Redes sociales, familias y escuela. Buenos Aires: Paidós, 1998.
- EISENSTEIN, E.; SOUZA, P. R. Situações de risco à saúde de crianças e adolescentes. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- GÓIS, C. W. L. Noções de psicologia Comunitária. Fortaleza: Ed. da UFC, 1993.
- GRASSANO, S. M.; HOLZMANN, M. E. Multifamílias: construção de redes de afeto. Curitiba: Integrada, 2002.
- HOLANDA, A. F. Diálogo e Psicoterapia. São Paulo: Lemos, 1997.
- MASCI, C. Auto estima e o estresse. Disponível em: <<http://www.masci.com.br.estima.htm>>. Acesso em: 9 set. 2003.
- PAPALIA, D. E.; OLDS, Sally D.. Desenvolvimento humano. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.